

GEOGRAPHICA



FOTOGRAFIAS DE NUNO CORREIA (NGM-PI)

ARQUEOLOGIA

Povoado Fantasma

Ocupações e abandonos despertam curiosidade

Em Almodôvar, poucos quilómetros a norte do Algarve, já ninguém estranha a chegada periódica dos jipes, dos arqueólogos e das suas peculiares actividades em Mesas do Castelinho, um local isolado nos arredores da vila. Desde 1986 que o ritual se repete e que Carlos Fabião e Amílcar Guerra, investigadores do Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, organizam campanhas. Em 1986, o local, até então desconhecido, foi violado acidentalmente por um *bulldozer*. E os “professores” foram chamados para o que era, na época, um trabalho arqueológico de contingência, que visava reduzir os danos.

Mesas do Castelinho é hoje um dos sítios arqueológicos portugueses investigado com mais minúcia, mas, mesmo assim, reserva enigmas que não permitem respostas categóricas. Ocupado no século V antes de Cristo, o local foi abandonado e reocupado, o que dá conta de sucessivas perdas de importância e revalorizações da região. Uma vez delimitados os 3,5 hectares fortificados, o trabalho de Carlos Fabião e Amílcar Guerra



centrou-se na determinação dos limites e contributos de cada ocupação neste emaranhado de ruínas. “Encontrámos vestígios de reutilização de estruturas, mas, noutros casos, rasgaram-se ruas em sentidos diferentes, como se os novos residentes quisessem cortar com o passado”, conta Amílcar Guerra.

“A ocupação romana foi riquíssima”, acrescenta Carlos Fabião. “O povoado ficava sensivelmente na fronteira entre os dois centros romanos do Sul: Ossonoba (Faro) e Pax Julia (Beja). É possível que a fortificação fizesse parte da linha de defesa.” Do período romano, restam centenas de artefactos (em baixo), que comprovam a intensidade da ocupação.

No século I d.C., a estrutura foi desocupada sem vestígios de conflito. “À data, o mundo romano foi reestruturado com a projecção de novas vias”, explica Carlos Fabião. “É provável que a nova rede viária não contemplasse o local.”

No milénio seguinte, não há vestígios de ocupação, mas os séculos X-XI marcam uma reocupação do local. Nessa fase, construíram-se duas torres e um fosso, que destruíram vestígios mais antigos. A ocupação islâmica manteve os dois centros administrativos romanos e incentivou outros dois, em Silves e Mértola. “É possível que a estrutura constituísse um bastião da defesa fortificada da região”, explica Fabião.

Com o avanço da reconquista cristã, o povoado voltou a ser abandonado. Uma vez mais, sem vestígios de conflito. “As linhas muçulmanas recuaram para sul e Mesas do Castelinho ficou abandonada mais alguns séculos”, conclui Amílcar Guerra. — GP